



Pátria armada

por Rafael Simonetti¹

Terminou de colocar os brincos de “olho grego”, olhando-se no espelho e retocou o batom. Maria era mais uma Maria, mas naquele dia sentia que estava fazendo a diferença, pelo menos não faria parte das Marias de braços cruzados. Estava com 54 anos e pronta para participar de sua primeira manifestação. Um lenço verde e amarelo no pescoço combinava com sua camiseta amarela. A tiara azul com os brincos também azuis a deixaram satisfeita. Mas em meio ao seu look patriota, percebeu que o batom lhe estava incomodando: era vermelho. Fechou a cara, pensou por uns segundos, mas fez uma expressão de “tudo bem, é só um detalhe”.

Saiu do banheiro e entrou no quarto. Viu seu marido roncando na cama, como fazia todos os domingos de manhã. Vendo aquela cena, desistiu de acordá-lo, afinal, chegou tarde em casa e precisava descansar. Maria o amava muito. Sabia que o seu homem também desejava o impeachment da presidente, o fim da corrupção, a volta dos tempos áureos dos anos 1960 e 1970, mas não tinha condições de se levantar depois de passar a madrugada com seus amigos da maçonaria. Estava convencida de que o segredo de um bom casamento era a confiança entre o casal. Deu-lhe um beijo na testa e riu da marca de batom que deixou.

Passou pela sala e viu sua filha dormindo no sofá. Também tinha chegado tarde em casa. Ela não ligava muito para política, então Maria também decidiu não incomodá-la. Apenas ficou a observando por um momento. Amava aquele rosto mais do que qualquer outro. Neste momento, lembrou-se dos momentos difíceis que viveram juntas. Agora sua filha está com 26 anos e dormindo no sofá da sua casa, mas quando era adolescente Maria sabia que provavelmente no domingo, àquela hora, ela estaria em qualquer lugar no submundo das drogas e do álcool, menos em seu lar. Correram lágrimas no seu olho de lembrar quantas vezes teve que dar banho nela depois de chegar alterada em casa, segurando o choro para manter a postura firme de mãe nessas horas. Desabava apenas em seu banheiro, também longe do marido, para não preocupá-lo ainda mais.

As coisas tinham mudado, e pensar isso a confortou. Estava sensível por causa do momento que estava vivendo: lutando pelo seu país e pelo bem da sua família, seu bem mais precioso. Tinha que se apressar para dar tempo de participar do ato por bastante tempo antes da hora do almoço, pois precisava preparar a refeição antes que os seus dorminhocos acordassem e não tivesse nada para comer. Sabia que eles viravam

¹ Mestrando em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista – campus de Marília.



verdadeiras feras quando estavam com fome. Então era melhor evitar possíveis discussões.

Aliás, Maria não era de discutir. Evitava falar até mesmo sobre política, apesar de ter claro o seu posicionamento naquele momento. Porém, tinha medo de não expressar bem seus argumentos, ou pior, ficar sem argumentos. Mas sabia dizer “fora”, e encarou aquilo como sua maneira de lutar. Além disso, estava orgulhosíssima do seu visual. Pensou: “já estou dando o meu recado”. E não era de hoje este seu investimento, pois passou a semana indo trabalhar de preto, expressando o seu sentimento de luto pelo país.

Desceu no elevador, retocando o lápis no olho bem depressa no espelho. Ao chegar no térreo, viu sua vizinha que estava lhe esperando, vestida de preto, com um chapéu verde e amarelo na cabeça e um cartaz escrito “fora”. Ela estava com uma cara de brava por conta do atraso de Maria, só que esta não ligou muito para sua impaciência, porque seu nervosismo era maior. Cumprimentaram-se e saíram apressadas para a rua. Teriam que andar algumas quadras até chegar na avenida, e isto não a deixou muito contente, já que fazia anos que alcançava a avenida apenas de carro. Mas era para o seu país.

As duas, afobadas, seguiam sua caminhada quando passaram por um rapaz com a camiseta toda vermelha. Aquilo fez com que Maria paralisasse. Aquele vermelho não era um detalhe como o seu batom, então como que ele poderia estar na rua vestido daquela maneira justo naquele dia? Concluiu que sua ousadia não era detalhe, e sim provocação. Ele estava usando a cor do perigo, do sangue, da morte, de satanás. Não era alguém de bem, e sim representante de todas as coisas ruins. Não sabia ao certo detalhar estas coisas, mas tinha certeza de que eram ruins. Virou-se e seguiu o menino, quase correndo, para parar na frente dele. A vizinha não falou nada, mas a seguiu, curiosa.

Ao alcançá-lo e ao parar na sua frente, encarou a cara de espanto do rapaz enquanto seus olhos estavam arregalados de raiva e a boca tremendo. Puxou todo o ar que podia, aproximou-se do rosto do menino e gritou: FORA!

O seu grito foi quase insuportável aos ouvidos de qualquer pessoa, fazendo com que o rapaz colocasse as mãos em seus ouvidos e fazendo cara de dor. Perguntou: “que isso, dona”? Por um segundo, Maria percebeu que tinha feito algo errado. Mas repensou e viu que estava em um momento de luta, então aquilo era sim permitido. Depois de alguns segundos, recuperou o fôlego e gritou mais uma vez: FORA!

A sua amiga, depois de um primeiro momento de espanto, viu que Maria já havia começado a luta, e resolveu se juntar a ela. Posicionou-se atrás do rapaz, fez o sinal da cruz, criou coragem e também gritou: FORA!

O menino se virou para ela, ainda boqueaberto, indignado com a situação. Os gritos agora eram repetidos insistentemente pelas duas mulheres que o cercavam. Notou



que outras pessoas estavam paradas em volta deles, também perplexas, mas sem reagirem. Maria se sentiu corajosa, guerreira, e resolveu avançar. Deu um empurrão em seu inimigo, que caiu em cima de sua amiga, mas que o empurrou de volta, fazendo-o cambalear à frente. Ele tentou sair daquela cerca, mas as mulheres não deixaram e acabaram o derrubando no chão.

Maria nem pensou duas vezes. Viu que o alvo estava vulnerável e lhe chutou o estômago. O rapaz gritou de dor. Então, deu mais três chutes seguidos em sua cabeça, até sentir seus braços serem segurados por alguém que não sabia quem era, pois não se preocupou em virar para conferir, apenas se mexeu para se soltar, sempre com os olhos arregalados e fixos no rapaz. A vizinha a apoiou, gritando para a pessoa que segurava Maria: SOLTA! FORA!

Sentindo-se livre de empecilhos, Maria não deixou que o rapaz se levantasse, pulando em cima dele e mordendo seu pescoço, gruindo. Escutou seu grito de dor e mordeu mais forte, até que sentiu sangue em sua boca.

Sangue. Era vermelho. Ficou inerte por um tempo, com os dentes cravados no rapaz, até que ele sentiu que podia empurrá-la e se levantou. Ele falou várias coisas esbravejado, mas ela não absorveu nenhuma palavra, estava paralisada. A vizinha também parou de gritar, pois viu que sua amiga havia passado dos limites ao mordê-lo e ao lhe fazer sangrar. Sangue. Vermelho. Maria caiu em si. Viu que a empolgação em se sentir na tal “luta” resultou em um descontrole que beirava à patologia. E, segundo seu raciocínio, ao comunismo.

Levantou-se devagar, olhou ao seu redor e viu as pessoas a observando de queixo caído. A vergonha veio à tona. Acabara de agir como uma guerrilheira de esquerda, sem limites, baderneira, anarquista, ridícula. Sentia-se vermelha. De vergonha. Como pôde fazer aquilo? Também estava confusa, pois ao mesmo tempo que queria continuar sua saga à manifestação, manifestou o erro. Equiparou-se ao inimigo. Sentiu-se baixa, sem classe.

Decidiu que não podia mais ficar ali, as consequências seriam drásticas a ela. Lembrou da sua família. Pensou nas discussões que surgiriam se o marido e a filha soubessem do que aconteceu. Pensou na falta de argumentos que teria devido à sua selvageria e confusão. Pegou sua bolsa, abaixou a cabeça e foi em direção à sua casa, não olhando mais para trás, até porque ainda estava vermelha.